

# ADOLFO CASAIS MONTEIRO: NAS PALAVRAS DE DRUMMOND DE ANDRADE, “UM LÚCIDO E BRAVO AMIGO PORTUGUÊS DO BRASIL”

*A Europa jaz, posta nos cotovelos;  
de Oriente a Occidente faz, fitando  
(...)  
Fita, com olhar sphyngico e fatal,  
O Occidente, futuro do passado  
O rosto com que fita é Portugal.*

Os versos famosos da *Mensagem* de Fernando Pessoa, ao assinalarem a predestinação geográfica de Portugal na eterna contemplação “esfíngica” das Américas, parecem emblematizar também um direcionamento migratório que, desde as navegações quinhentistas, se tornou, plurivocamente, “fatal”. Com efeito, não é preciso invocar as estatísticas para reconhecer que o continente americano vem sendo, de longa data, o principal refúgio de uma contínua diáspora portuguesa. E, nesta, por motivos que começamos a aprender nos bancos escolares, desempenha o Brasil papel particularíssimo.

Ultrapassados os primórdios ásperos do diálogo entre “colonizador” e “colonizado”, conservou-se sempre o Brasil, no imaginário português, como espaço mágico de míticas realizações. (Já Portugal, no imaginário brasileiro, ao que tudo indica, foi-se esfumando...) A busca de um Brasil-Eldorado ou de um Brasil-Pasárgada alimentou séculos de viagens onde, da “arraia-miúda” à finflor da aristocracia, todos os estratos sociais da gente lusa se encontraram. E na demanda desse Ocidente mais ao Sul, contemplado na distância a partir da outra margem do oceano — mas cedo tornado próximo pelo soar da língua

comum — não faltaram também representantes ilustres da intelectualidade portuguesa, na qual o mundo das letras merece destaque.

Assim é que — refazendo rotas outrora abertas por Gregório de Matos, Pe. Vieira, D. Francisco Manuel de Melo ou Tomás Antonio Gonzaga, entre muitos outros — escritores portugueses deste século, com maior ou menor detença, continuaram a buscar no Brasil aquilo que Portugal, objetiva ou subjetivamente, de algum modo lhes negava. A lista é vasta, mas não se pode deixar de mencionar os nomes de Jaime Cortesão, Carlos Malheiro Dias, Fidelino de Figueiredo, Ferreira de Castro, Rodrigues Lapa, Miguel Torga, João Sarmento Pimentel, Sidónio Muralha, João Alves das Neves, Antônio Pedro, Agostinho da Silva, João Ferreira, Paulo de Castro, Fernando Lemos, Jorge de Sena, Adolfo Casais Monteiro, como presenças fortes numa história dos elos culturais entre os dois países. (Elos estes que, evidentemente, nada têm a ver com protocolos tratados e acordos governamentais que repousam esquecidos em emperradas gavetas burocráticas...).

Desse conjunto expressivo, destaca-se como representante exemplar de um diálogo luso-brasileiro que frutificou em alto nível a figura do poeta, ensaísta e professor Adolfo Casais Monteiro, cujos 25 anos de falecimento se completaram no dia 24 de julho de 1997, sem que notícias de qualquer comemoração se tenham ouvido, aqui ou em sua terra.

Nascido no Porto a 4 de julho de 1908, licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da mesma cidade em 1933. Revelando bem cedo sua vocação para o universo literário, já em 1929 publica seu primeiro livro de poesia, *Confusão*, e participa na direção da revista *Águia*. Pouco depois, integrando o chamado “movimento” da revista *Presença*, veio a ser seu diretor (com José Régio e João Gaspar Simões), a partir do nº 33, de julho-outubro de 1931.

Exerce o magistério até 1937, quando, por motivos políticos, foi demitido. Por essa mesma razão, sofreu diversas detenções, entre as quais teve grande repercussão pública a verificada em 1949, decorrente de uma atitude de solidariedade para com Rodrigues Lapa, também preso por uma afirmação feita no decorrer da campanha eleitoral desse ano.

Totalmente voltado para a escrita, assim se mantém até 1954, quando, valendo-se de sua participação no Congresso Internacional dos Escritores, que compunha as comemorações do IV centenário de São Paulo, decide permanecer no Brasil, para escapar ao já bem experimentado cerceamento do regime salazarista. Em Portugal, aonde nunca mais voltou, deixou sua esposa, Alice Gomes, e seu único filho, João Paulo Gomes Monteiro. Residiu no Rio de Janeiro a partir de 1956. Em 1959, lecionou na Universidade da Bahia e, em 1962, graças ao empenho de seu amigo Jorge de Sena, foi contratado para reger o Setor de Teoria da Literatura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, cidade paulista para a qual se

mudou. Por duas vezes foi Professor Visitante nos Estados Unidos: em Madison (1968) e em Nashville (1969).

Durante sua longa permanência no Brasil, além da docência universitária, desenvolveu intensa atividade de conferencista e numerosa colaboração ensaística em jornais e revistas, não descurando, contudo, da publicação em livro, tanto de sua poesia, como de sua produção crítica. Neste último campo, são de ressaltar seus imprescindíveis estudos sobre Fernando Pessoa, com quem mantivera preciosa correspondência, na qual figura a famosa carta de 13 de janeiro de 1935 em que o autor de *Mensagem*, desenvolvidamente, clarifica a gênese dos seus heterônimos.

Politicamente, Casais aderiu em São Paulo ao grupo de intelectuais portugueses exilados que se reuniram em torno do jornal oposicionista *Portugal Democrático* com o propósito de, dada a distância, criticarem e denunciarem mais livremente os abusos do Salazarismo. Sarmiento Pimentel, Paulo de Castro, Fernando Lemos, Vítor Ramos e Jorge de Sena são alguns de seus companheiros de luta.

Ao falecer, legou-nos em letra impressa mais de dez livros de poesia, um romance, uma vintena de livros teórico-críticos, mais de trinta traduções, várias resenhas, vários prefácios, muitas edições organizadas, algumas resenhas, incontáveis artigos dispersos em periódicos... Impossível apontar o melhor. Mas, talvez, a voz poética esteja mais apurada em *Noite aberta aos quatro ventos*, *Vão sem pássaro dentro* e *O estrangeiro definitivo*. O pensamento crítico revela-se plenamente em *A poesia da "presença"*, *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea* e na coletânea *A poesia portuguesa contemporânea*. Em especial, o estudioso do poeta dos heterônimos consagra-se com *Fernando Pessoa, o insincero verídico* e *Estudos sobre a Poesia de Fernando Pessoa*.<sup>1</sup>

Recordando seu amigo em depoimento de 1974, assim Jorge de Sena delinea-lhe o perfil de homem e de intelectual:

*"Discreto e recatado, delicado e áspero, tinha Casais uma arte de não se entregar nunca, de que provavelmente sofria muitíssimo, mas que lhe coarctava, a menos que em raros momentos, uma abertura direta. De uma independência feroz, e dotado de uma tremenda força de caráter, ninguém conseguia, a não ser com um lento trabalho de que, a qualquer momento o fracasso podia surgir, acomodá-lo a nada ou coisa alguma. Todavia, os últimos anos haviam-no amaciado muito. Com toda a fidelidade a si mesmo que sempre manteve inalterável, o Casais do Brasil era infinitamente mais doce e mais amável do que havia sido o Casais de Portugal. (...)*

*Mas ele foi (...) um dos maiores e mais modernos poetas da língua portuguesa neste século, um dos maiores críticos, e até uma sua tentativa*

*novelística conta entre os melhores livros do género na época moderna. Foi também um indefectível democrata português, a quem o destino roubou a alegria de ver restaurada a liberdade em Portugal, que deu a outros menos merecedores do que ele. Senhor de uma cultura sempre atenta, leitor e estudioso incansável (era proverbial encontrá-lo em sua casa, nos anos de Araraquara, com livros à volta, lendo ao som da música que lhe enchia o silêncio), poucas personalidades de Portugal e do Brasil contemporâneos eram tão sólidos na sua preparação intelectual como ele, e poucos portugueses natos souberam e entenderam tanto de Brasil quanto ele. Homem de duas pátrias, soube, da maneira mais devotada e sensível, ser inteiramente fiel a ambas, para lá de todas as falácias dos falsos nacionalismos. Porque ele foi, acima de tudo e dos condicionalismos da vida, um cidadão do mundo em língua portuguesa, que é uma maneira de esse mundo não saber que possui tal cidadão, e de a língua, que o possui, presa aos seus provincianismos, não apreciar a grandeza que por ela se afirma e realiza.<sup>2</sup>*

Também Carlos Drummond de Andrade, poucos dias depois da morte de seu amigo, dedica-lhe uma crônica, datada de 6 de agosto de 1972, onde, em sintonia com o pensamento de Jorge de Sena, traça com acuidade o relacionamento deste português-“ estrangeiro definitivo” com a terra que o acolheu no exílio:

*“Insubmisso, mordaz, discutidor, honesto. Deixou Portugal para melhor interpretar a inteligência livre de seu país, dentro da vocação de escritor e professor. Imigrante intelectual, como Jorge de Sena, os benefícios que trouxe para o meio cultural brasileiro não foram ainda avaliados. Esses dois vieram para fazer alguma coisa mais que fugir a restrições e constrangimentos. Vieram ensinar nas faculdades e debater questões teóricas, estimulando o espírito de livre exame. Se irritaram a um ou outro, nem por isso merecem menos nosso louvor agradecido, como autênticos intelectuais fiéis a seus princípios e sacrificando, à liberdade de pensar e ser, as comodidades da vida (...).*

*Casais Monteiro não precisou pedir licença para entrar na análise de livros e idéias do Brasil. Foi ele, em 1943, o autor do primeiro e, por muito tempo, único estudo, em português, da poesia de Manuel Bandeira, na qual, há quarenta anos, encontrara ‘algo diferente de todos os poetas do nosso tempo, uma nota inconfundível mas que era apelo direto à minha sensibilidade e ao meu espírito; um daqueles enriquecimentos em que outrem, por nós, nos revela a nós mesmos’. O conferencista sobre a moderna poesia brasileira, em 1956, é o mesmo estudioso da literatura popular em verso do Brasil, em 1965: um europeu desejoso de captar a complexidade de nossa paisagem cultural, tanto culta como*

*popular; e apontar os traços especificamente nossos na trama de linhas importadas e absorvidas, que ele, Casais, fazia questão de ressaltar; quando lhe parecia que estavam sendo engadas ou omitidas por excesso de espírito nativista. (...) Não há balda de colonialismo na postura crítica de Casais Monteiro: ele não queria reivindicar a sujeição do Brasil a modelo ou matriz cultural do estrangeiro; queria contribuir para o esforço de nos descobrirmos, levando à esfera do conhecimento mental esse conhecimento físico que se alarga com a descoberta de novos rios e montes, à proporção que se desbrava o interior brasileiro. (...)*<sup>3</sup>

E as palavras finais do cronista são um lamento: “Com sua morte, perdemos um lúcido e bravo amigo português do Brasil.”

As considerações de Sena e de Drummond, apontando as relações tão estreitas de Casais com a sua língua e com as duas pátrias onde a mesma língua pode reforçar elos, conduzem-nos, por contraste, a refletir sobre o silêncio hoje predominante entre aquele “rosto que fita” e este “occidente” fitado. Fitar não basta: é preciso dar voz ao olhar. Mas as vozes sérias, positivas e produtivas, como a de Casais, calam-se, silenciam, emudecem — como há vinte e cinco anos já advertia o poeta mineiro — sob a pressão dos “instrumentos equívocos da retórica oficial”, sob os “chavões úteis que pretendem aproximar culturalmente Brasil e Portugal mas que, na realidade, acentuando o vácuo entre a realidade cultural portuguesa e a brasileira, só produzem dividendos pessoais.”<sup>4</sup>

#### **Notas**

1. Ver Bibliografia em MONTEIRO, Adolfo Casais. *Poesias Completas*. Lisboa: INCN, 1993.
2. SENA, Jorge de. *Régio, Casais, a “presença” e outros afins*. Lisboa: Brasília Ed., 1977, pp. 186-188.
3. ANDRADE, Carlos Drummond de. “Casais Monteiro e o Brasil.” *Cadernos de Teoria e Crítica Literária*, 10. UNESP, Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação de Araraquara, 1981, pp. 18-20.
4. *Ibidem*, p. 18.